



DO MITO À REALIDADE

TEXTO: David de Carvalho
ILUSTRAÇÕES: Miguel Oliveira

Em Março de 1997, pouco mais sabia do Banco Gorringe do que aquilo que nos ensina uma carta de navegação. E nisso, o que me diferenciava das poucas pessoas com quem havia trocado impressões sobre o assunto, era o facto de não sentir necessidade de tecer cenários imaginários acerca do local. O que sentia mesmo, era uma vontade enorme de lá mergulhar. Esse desejo, povoava-me os sonhos e roía-me os planos de viagem desde há alguns anos.

mergulho

BANCO GORRINGE



Uma noite de Março, o assunto surgiu ocasionalmente no meio duma conversa, em casa do José Eduardo dos Santos. Quando lhe transmiti o desejo de ir lá na primeira oportunidade, a resposta saltou-lhe da boca como um tiro: "Também eu! Vamos lá este verão!" A exclamação tinha o tom solene e definitivo que caracteriza a convicção dos homens empreendedores e dos loucos. A partir desse momento tive a certeza que não passariam seis meses sem que o Gorringe deixasse de ser um mistério.

O Gorringe, o Josephine ou o Unicórnio são bancos rochosos, como que pequenas ilhas afundadas, que emergem das profundezas do Atlântico, nalguns casos, até aos 20 metros. São - demasiado - conhecidos das frotas pesqueiras, nacionais e estrangeiras e povoam o imaginário de mergulhadores novatos e veteranos. Servem de motivo de conversa nas noites de inverno e estão na origem de planos de viagem que nunca se realizam. Apesar disso, há sempre alguém que "sabe" qualquer coisa do assunto. Ou, porque já lá esteve e não mergulhou. Ou, porque recebeu a informação de qualquer fonte "segura". Depois, os disparates dão para escrever um livro. Das vagas gigantescas à corrente impraticável, passando pela total ausência de vida no local ou os riscos de morte às mãos de um qualquer pirata mauritano, vale tudo. Quando se trata do nosso ego, a imaginação não tem limites.

UMA HISTÓRIA TRÁGICA

Foi assim que, no dia 28 de Junho, partiu de Vilamoura um Bavaria 44, baptizado "Oceano" e carregado com equipamento de mergulho suficiente para abrir uma "megastore". Barco e tripulação tinham-se preparado para uma semana no mar e uma viagem de 30 horas para um destino que, curiosamente, não era terra firme. A bordo, 4 mergulhadores, 2 assistentes e um comandante faziam os possíveis por acomodar-se com um mínimo de civilidade, entre equipamento e víveres. À saída da barra cruzámo-nos com o "Condor de Vilamoura", uma escuna de 30 metros que faz viagens de

BAVARIA YACHTS

turismo ao longo da costa sul. No nosso leme, o António Rocha cumprimenta-os com um aceno de mão e um sorriso. Faz perto de dois anos que se cruzou com eles em condições diferentes. No regresso duma viagem aos Açores, encontrou o "Condor" em cima do Gorringe. O barco tinha sido fretado por 12 mergulhadores alemães que tentavam mergulhar no meio das vagas de 4 metros que se formam no banco, em Setembro. Dentro do possível, a situação era normal e o António seguiu viagem. Algumas horas mais tarde, o "Condor" emitia um pedido de socorro. No barco, quatro mergulhadores estavam às portas da morte, vítimas dum acidente de descompressão. O pedido é captado por uma esquadra da Marinha norte americana com quem se haviam cruzado na véspera e que navegava agora a cerca de 50 milhas do local. Apesar da distância, é enviado um helicóptero de

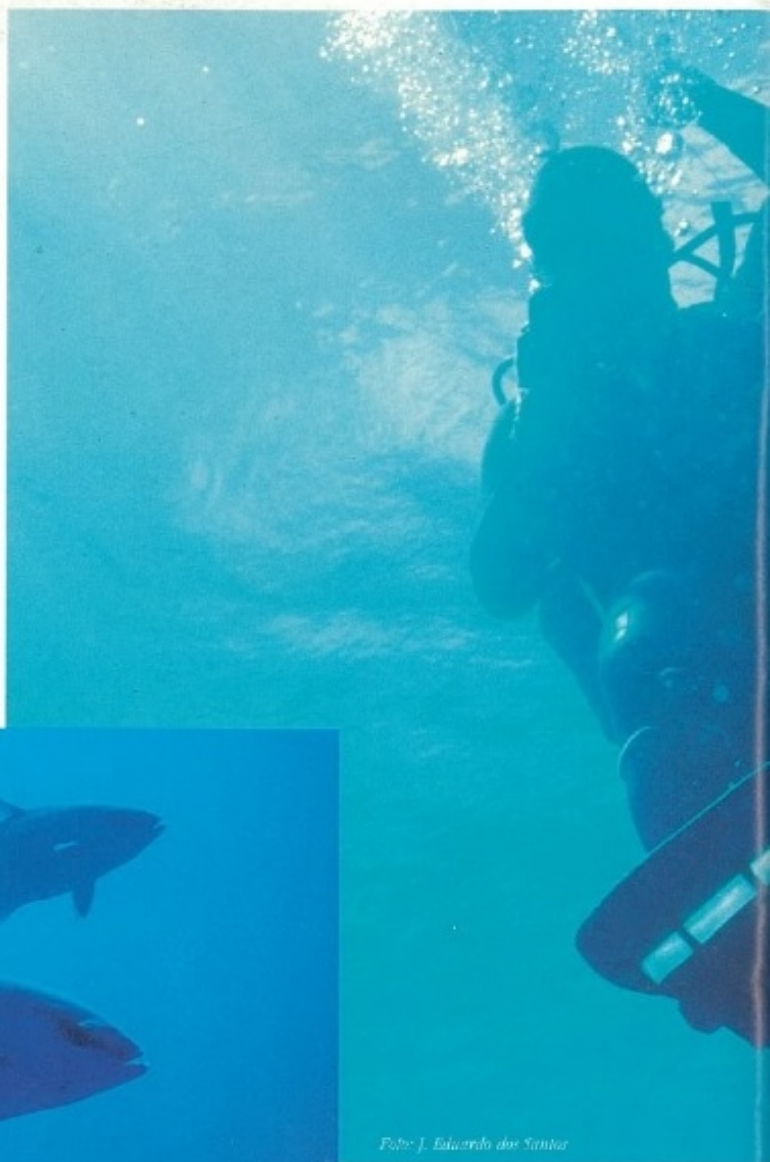


Foto: J. Eduardo dos Santos



Foto: J. Eduardo dos Santos

socorro e algumas horas mais tarde os mergulhadores entram numa câmara de descompressão em Cádiz, salvos pelo acaso, da tragédia inevitável.

É este mesmo barco que se afasta agora de nós, para o remanso calmo da Marina, enquanto saímos a barra em direcção a um destino que não sabemos sequer que existe. Esta história é a única que conheço do Gorringe.

Se alguma vez lá mergulhou mais alguém, não deu notícia do facto.

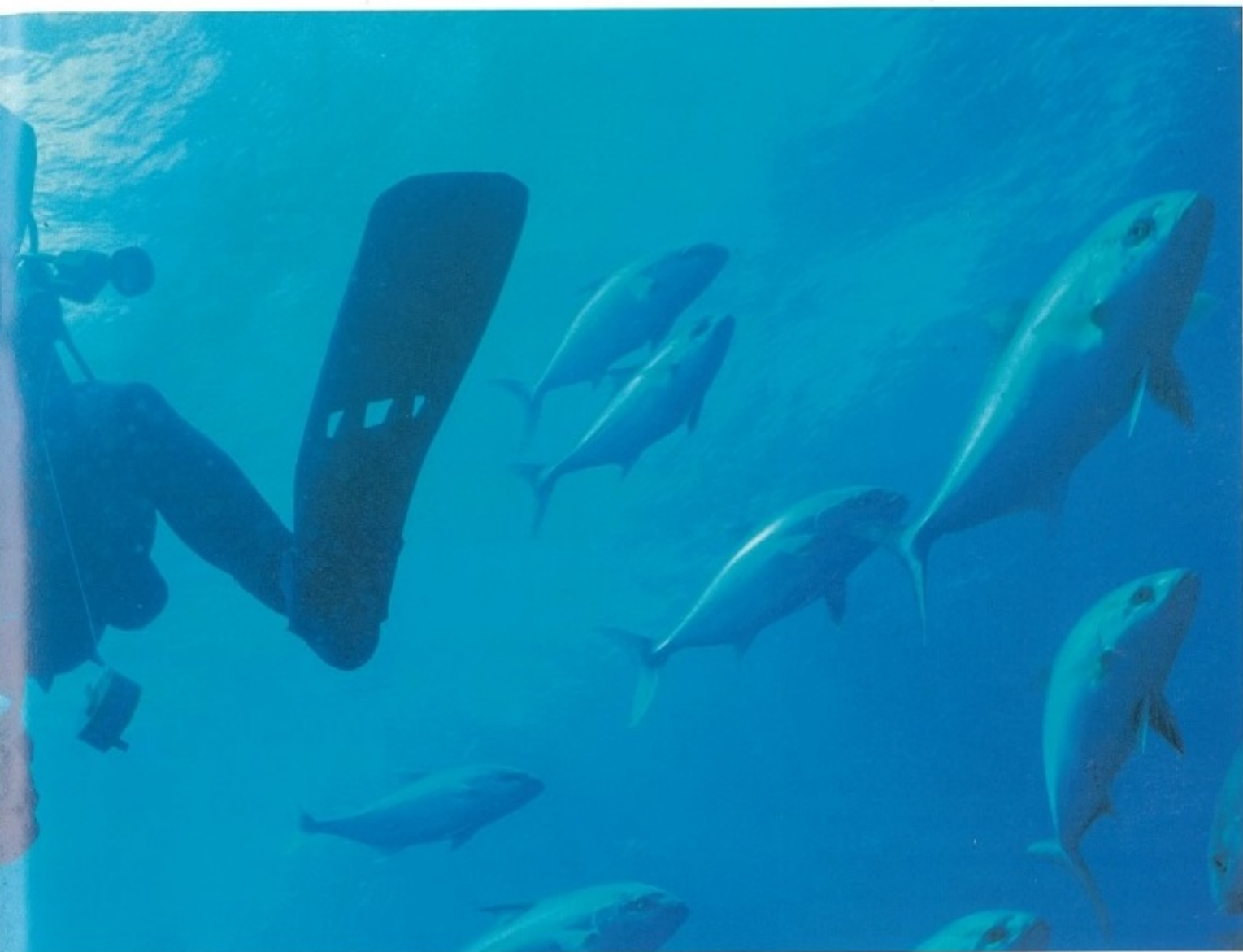
TARTARUGAS E UMA DÁDIVA DE S.PEDRO

Na costa sul a água do mar é verde e o vento de NO traz um mar picado, de vaga curta, que nos entra pela proa.

Os lírios foram

uma presença constante

durante os mergulhos



As tartarugas quase sempre
permitiam a aproximação
em apneia



Foto: J. Eduardo dos Santos

Navegamos à bolina cerrada e fazemos uma média de 6 nós. No dia anterior havia sido noticiada a morte do Comandante Cousteau. A RTP encabeçava uma impressionante corrida aos disparates dando conta do desaparecimento do criador do "escafandro automático". No dia seguinte, o "Expresso" acompanhava e, enquanto publicava um artigo de 10 páginas sobre a vida íntima de Pinto da Costa, dedicava pouco mais de uma página ao inventor do "fato de mergulho autónomo". O brilhante articulista, não contente com a prova de ignorância, recheava o elogio póstumo de comentários cínicos e despropositados. Estranho país é o nosso, por vezes. A 18 horas de Vilamoura começamos a avistar os primeiros Paínhos (*Oceanodroma castro*) e, mais esporadicamente, pequenas tartarugas (*Caretta caretta*) que se mostram indiferentes à nossa curiosidade. Algumas